

POR ENTRE MURALHAS: NOSSO CAMINHO EM TERRAS ALENTEJANAS

Leonardo José Freire Cabó

Era primeiro de setembro quando cheguei a Évora. Três malas, algumas peças de roupa e cerca de 10 livros – selecionados rigorosamente – que deveriam me ajudar a dar continuidade ao texto da qualificação que havia sido marcada para março de 2018, período em que retornaria ao Brasil.

Fazia um sol forte quando, ao caminhar da Estação de Comboios ao Centro Histórico, deparei-me com aquelas muralhas que me “protegeriam” por sete meses e que junto à cidade me oportunizariam momentos de crescimento pessoal e profissional jamais imaginados.

Fazia exatos dezenove dias que eu estava em terras portuguesas. Aquele dia, em específico, mexeu completamente com minha estrutura emocional. Por volta das 10 horas, com algumas sacolas nas mãos, no caminho do supermercado até minha casa, no Centro Histórico e de frente para a Praça do Giraldo – palco de diversos acontecimentos da inquisição portuguesa, instituída em maio de 1536 –, eu me pus a repensar no porquê de ter escolhido sair do meu Estado e do meu país em busca de um sonho. Coloquei-me, então, a escrever. Uma parte significativa das questões que afloraram naquele dia são retomadas neste texto.

Eu poderia escolher falar do modo de tratamento dispensado por alguns portugueses a nós, brasileiros, recém-chegados ao país ou do elevado nível de educação de tantos outros, mas decidi não fazer isso neste texto. Conheci pessoas fantásticas durante os 201 dias que caminhei por aquelas terras lindas.

Eu poderia falar mal do Brasil, como fazem muitos ao chegarem em/de Portugal, mas não saí do Brasil com verbas públicas para falar mal do meu país. Sempre que pude, falei sobre o Golpe vivido nos últimos dois anos, dos retrocessos e das violências que presenciamos cotidianamente, do extermínio da população pobre e indígena, dos moradores das comunidades ribeirinhas ou da população que vive nas ruas, dos homossexuais e travestis e da população negra. Falei sobre a exploração desenfreada da Amazônia, sobre o desmonte dos serviços públicos, dentre tantas outras questões.

Eu poderia falar sobre o quanto foi difícil suportar a falta que senti da minha mãe, dos meus amigos, da minha casa, da minha cama quente e do quanto cada escolha feita pesou. Para muitos, sair de casa representa liberdade, é motivo de ostentação. Para outros tantos, e me incluo precisamente aqui, sair de casa foi sinônimo de crescimento pessoal e profissional. Não demorou muito para eu descobrir/perceber o quanto me fazia falta o cheiro da minha casa e o quanto isso faz sentido na minha construção enquanto sujeito.

Eu poderia dizer (eu vou dizer isso sempre) o quanto foi gratificante, e construtora, todas as experiências vividas até então e o quanto me provocou estar no Curso de Educação de Infância da Escola de Ciências Sociais (ECS)/ Mestrado em Educação Pré-Escolar onde cursei uma disciplina chamada Pedagogia da Educação de Infância de zero a seis anos (Mestrado em Educação Pré-Escolar) e acompanhei outras duas, quais sejam: Prática Pedagógica em Jardim de Infância (Curso de Licenciatura em Educação Básica) e Prática de Ensino Supervisionada (PES) no Pré-Escolar (Curso de Mestrado em Educação Pré-Escolar). Em Portugal, encontrei abrigo para o desenvolvimento de minha pesquisa (meu mais sincero e carinhoso agradecimento!).

Durante o período no exterior, sob a orientação da Professora Doutora Ana Artur (Departamento de Pedagogia e Educação), foi possível desenvolver parte importante da pesquisa da tese. Avançamos na compreensão das políticas públicas para a educação de crianças de zero a seis anos, objeto de

nossa pesquisa, e sobre os fundamentos que orientam o modelo pedagógico do Movimento Escola Moderna (MEM) portuguesa que tem como fundamento teórico os estudos de Vygotsky, Bronfenbrenner, Bruner e Dewey.

A possibilidade de estágio no exterior permitiu, ainda, a construção de uma rede de colaboração com pesquisadores de diversas regiões de Portugal e de outros países, como Angola, Luanda, Moçambique e também de outras regiões do Brasil, como São Paulo e Londrina, fator importante e que enriquecerá, no meu modo de ver, as pesquisas e os trabalhos que poderão ser desenvolvidos pelos próximos anos na área de Educação Infantil e Estágio Supervisionado em Educação Infantil. A oportunidade de diálogo com pesquisadores da área de Educação Infantil alargou-se durante os Sábados de Animação Pedagógica realizados pelo MEM, tanto em Lisboa como em Évora.

Ao longo desse período, participei de dois cursos sobre igualdade de gênero e combate à violência de gênero oferecidos pela Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género (CIG) e pela Universidade de Évora (UÉvora), quais sejam: UNigualdade – Programa de Promoção da Igualdade e Diversidade Social e de Combate à Violência Doméstica e de Género (24h) e o Curso de Especialização em Igualdade de Género – Formação de Públicos Estratégicos na área de Cidadania e Igualdade de Género na Educação Básica (58h). A nosso modo de ver, tais cursos possibilitar-nos-ão (re)pensar as relações e a(s) violência(s) de gênero que presenciamos nas Escolas Públicas em nosso país, sobretudo durante o acompanhamento do Estágio Supervisionado em Educação Infantil, área de atuação no Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Meu agradecimento por todas as oportunidades e experiências vividas durante o(s) caminho(s) em terras portuguesas.

Maringá (PR), 03 de maio de 2018.